

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LILIANA PIEDADE DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS DE SI: narrativa autobiográfica de uma mulher negra na academia

RIO BRANCO

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LILIANA PIEDADE DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS DE SI: narrativa autobiográfica de uma mulher negra na academia

Trabalho de conclusão submetido ao curso de graduação Bacharelado em Psicologia da UFAC, como pré-requisito básico para obtenção de título de Bacharela em Psicologia.

**Orientadora: Dra. Patrícia da Silva.**

Rio Branco

2022

LILIANA PIEDADE DE OLIVEIRA

**MEMÓRIAS DE SI: narrativa autobiográfica de uma mulher negra na academia.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Rio Branco-Ac, 27 de novembro de 2022.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Ma. Sulamita Rosa da Silva

---

Ma. Maria da Conceição Costa

## **AGRADECIMENTOS**

Todo o meu percurso de formação e desenvolvimento deste trabalho contou com ajuda de diversas pessoas, dentre as quais o dedico e agradeço:

Aos meus pais Martiliana e Abel, que sempre me apoiaram em minhas escolhas, incentivaram-me nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos professores e professoras do curso de Psicologia, que diante das adversidades se mantêm comprometidos com nossa formação e que através dos seus ensinamentos me possibilitaram o aprendizado, e em especial à professora Dra. Patrícia da Silva pela sua orientação, paciência e apoio nos momentos de indecisão.

A banca examinadora, composta pela professora Ma. Maria da Conceição Costa, professora Ma. Sulamita Rosa da Silva e a Professora Ma. Fabiane da Fontoura Messias de Melo por todas as contribuições que certamente enriqueceram a versão final deste trabalho.

Ao Laboratório de Discriminação Racial do Acre (LabOdr) e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac), onde pude aprender e sobre a temática das relações raciais e sua importância para minha atuação profissional e fortalecimento identitário.

Aos meus amigos e amigas que sempre estiveram ao meu lado e pelo apoio demonstrado ao longo de minha formação e realização deste trabalho.

*“Eu gostaria de perguntar a todos vocês: Quais são seus nomes? O que anima vocês e o que faz seus corações baterem? Me digam suas histórias, eu quero ouvir suas vozes e ouvir suas convicções. Não importa quem você seja, de onde você venha, sua cor de pele, sua identidade de gênero, apenas fale! Encontre seu nome e sua voz, falando por si próprio”.*

(Kim Namjoon-BTS, 2021).

## **Resumo**

A pesquisa autobiográfica possibilita o desenvolvimento da autonomia do conhecimento intelectual e estimula o indivíduo pensar e falar sobre si ao mesmo tempo que transforma o seu pensamento e ações. Desse modo, o objetivo desse trabalho é relatar as memórias, questionamentos e reflexões sobre a experiência acadêmica de uma estudante negra no curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Acre e a ligação com a temática das relações étnico-raciais. A metodologia utilizada foi a narrativa autobiográfica, que evidencia experiências, emoções ou fatos marcantes que anteriormente não haviam sido percebidos. Assim, compreendeu-se que assumir o protagonismo em uma escrita é um ato transgressor em espaço que reproduz o que a sociedade nos afirma constantemente: pessoas negras são desqualificadas e preteridas, associadas a estereótipos que as inferiorizam. Da mesma forma, ressignificar que as experiências e conhecimentos adquiridos só foram possíveis quando me coloquei como um ser ativo na busca do que não me foi oferecido nesse processo de aprendizagem e construção e identitária.

Palavras-chave: Autobiográfico. História de vida. Memória. Relações étnico-raciais.

## **Resumen**

La investigación autobiográfica posibilita el desarrollo de la autonomía del conocimiento intelectual y estimula al individuo a pensar y hablar sobre sí mismo mientras transforma sus pensamientos y acciones. De esta forma, el objetivo de este trabajo, es relatar los recuerdos, cuestionamientos y reflexiones sobre la experiencia académica de una estudiante negra en la licenciatura en Psicología de la Universidad Federal de Acre y el vínculo con el tema de las relaciones étnico-raciales. Metodología utilizada para una narración autobiográfica, que destaca experiencias, emociones o eventos notables que no habían sido percibidos previamente. Asimismo,

se entiende que asumir el protagonismo de un texto escrito es transgresor en el espacio que reproduce o que la sociedad afirma constantemente: las personas negras son descalificadas y marginadas, asociadas a estereotipos que las hacen inferiores. Asimismo, resignificar que las experiencias y conocimientos adquiridos solo son posibles cuando me posiciono como un ser activo en busca de algo que no se me ofreció en este proceso de aprendizaje y construcción de identidad.

Palabras clave: Autobiográfico. Historia de vida. Memoria. Relaciones Étnico-raciales.

## **Sumário**

<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Sobre Raça e Racismo</b>	<b>9</b>
<b>Interseccionalidades na Vivência de Mulheres Negras</b>	<b>11</b>
<b>O epistemicídio de Narrativas Negras</b>	<b>12</b>
<b>Procedimentos Metodológicos</b>	<b>13</b>
<b>Percurso e Experiências</b>	<b>15</b>
<b>O Início: Estudo da Psicologia</b>	<b>17</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>21</b>
<b>Referências</b>	<b>23</b>

## Introdução

O presente trabalho visa apresentar e discutir a trajetória de formação por meio da metodologia narrativa autobiográfica. Para a construção textual foi adotado o método autobiográfico (Franco Ferrarotti, 1988), considerando-se que são narrados aspectos relevantes da vivência acadêmica que se relacionam a períodos anteriores a este. Assim, tem o único objetivo de relatar as memórias, questionamentos e reflexões sobre a experiência acadêmica de uma estudante negra no curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Acre e a ligação com a temática das relações étnico-raciais.

Ao imaginar como seria meu último trabalho durante a formação em Psicologia, sempre pensei na produção de algo que fosse significativo para mim, e que também pudesse ser relevante, em algum nível, para o rol de pesquisas e a sociedade. Em vista disso, a escolha do tema e do método não se dá apenas pela possibilidade de elaborar um pensamento crítico sobre o desenvolvimento pessoal e profissional, mas também na problemática de que a escrita de nós, pessoas negras, ainda é preterida no meio acadêmico.

Ainda que a narrativa aqui construída não seja uma narração de história de vida em sua totalidade, “é o fruto de um processo de reflexão parcial, a meio caminho do percurso seguido pelo sujeito no decorrer da vida” (Héllen Santos & Gilza Garms, 2014, p.4099). Também, é necessário destacar que um recorte temporal, apenas do período de formação, possui limitações no sentido de haver um passado anterior que contribuiu para a construção de reflexões sobre um presente e um futuro que se atualizam (Valéria Marques & Cecilia Satriano, 2017).

Com efeito, utilizo uma linguagem na primeira pessoa, visto que a construção textual é marcada pela subjetividade em que são abordados conceitos que se relacionam com as categorias de raça e gênero que compõem meu pertencimento identitário. Assim, assumo o papel de

protagonista na investigação e reflexão de um período de cinco anos que também não pode ser separado do que foi vivido anteriormente a essa etapa.

Para um trabalho que se propõe realizar a reflexão sobre a trajetória de uma discente negra no período de formação na academia é necessário realizar uma discussão sobre os conceitos que nos auxiliam a dar sentido às experiências vivenciadas. Ressalto que o caráter subjetivo não impede que nesta pesquisa se utilize de um aporte teórico. Inclusive foi necessário realizar uma imersão na literatura científica sobre as relações étnico-raciais e os conceitos relacionados a essa temática.

Foi através desses conceitos que foi possível dar nome e conseqüentemente o sentido às experiências. Assim, utilizo os trabalhos de Patrícia da Silva, André Faro e Marcus Eugênio O. Lima (2017); Edna Souza Cruz (2015); Moema de Poli Teixeira (2003); Kimberlé Williams Crenshaw (2002); Paula Cristina da Silva (1997) e Franz Fanon (2008).

Nesse sentido, o trabalho encontra-se estruturado em cinco seções. A primeira aborda a temática e define seus objetivos; a segunda discute sobre outros trabalhos científicos sobre os conceitos utilizados como base para a temática das relações étnico-raciais; a terceira demonstra a metodologia empregada; a quarta, os resultados, e por último, a quinta apresenta as considerações finais.

### **Sobre Raça e Racismo**

Inicialmente, a categoria raça foi o resultado de teorias poligenistas do século XIX que pregavam a hierarquia entre indivíduos a partir de características físicas e a mistura de raças era vista como degeneração. Contudo, em contexto brasileiro, teorias pseudocientíficas sofreu alterações no início do século XX, em que a miscigenação era incentivada por um projeto

ideológico e político que acreditou que as características físicas dos indivíduos negros seriam modificadas até desaparecerem.

Já durante as décadas de 1940 e 1950, essa concepção biológica das raças começou ser questionada a partir do desenvolvimento das teorias culturalistas, lideradas por autores como Franz Boas (2011) que defendiam a não existência de raças e que não haveria superioridade entre os grupos humanos. No Brasil, Gilberto Freyre(1997) dissertava sobre a miscigenação como contribuições harmoniosas entre brancos, negros e “índios” e suas culturas para a formação de uma cultura brasileira.

“Nesse contexto, ocorreu até mesmo uma rejeição total ao uso do termo ‘raça’, preterido por alguns autores em favor do termo ‘etnia”’(Paula Silva, 1997, p.29 ). Essa concepção negava não apenas a existência biológica das raças, mas também do racismo, reforçando a crença da existência de uma democracia racial onde há igualdade e equidade para todos, independente da origem étnica ou da cor de pele. Já no final da década de 1970, a maneira de pensar e definir a categoria raça foi modificada, sendo entendida enquanto uma construção social de contestação e resistência, assim como possibilitou identificar também a presença das desigualdades raciais na sociedade brasileira (Paula Silva, 1997).

Para Noema Teixeira (2003), a classificação racial no Brasil, além de ampliar as possibilidades entre o clareamento e escurecimento dos indivíduos, também ampliava as possibilidades de práticas discriminatórias. Assim, o racismo, essencialmente vinculado à categoria racial, está presente nos relacionamentos sociais dos mais diversos espaços, visto que são reprodutores de uma sociedade racista. No entanto, ainda é negado em decorrência do mito da democracia racial, proveniente das concepções culturalistas.

Essa negação é consequência da construção de imagem do Brasil como um país multicultural onde todos têm direitos iguais, independente da raça ou etnia “... que conseguiu evitar o problema do racismo e encontrou a fórmula para convivência harmônica entre os povos de origens diferentes”(Paula Silva,1997, p. 35). Assim, é importante realizar um recorte entre raça e gênero, visto que mulheres negras sofrem uma dupla violência do racismo e do machismo.

### **Interseccionalidades na Vivência de Mulheres Negras**

Desse modo, a pesquisadora Patrícia da Silva, e os pesquisadores André Faro e Marcus Eugênio O. Lima (2017), afirmam que as discriminações e abusos de direitos vivenciadas pelas mulheres negras se dão de maneira diferente para os homens negros. Assim, é importante discutir as relações entre gênero e raça, visto que para além de identificar-se com determinado grupo racial, mulheres negras ocupam um lugar de pertencimento de gênero em que sofrem violências do machismo e do racismo, que um homem negro ou uma mulher branca não vivenciam, respectivamente.

Em 1980 os estudos feministas contribuíram para a compreensão da organização social das relações entre os sexos, a forma como essas relações foram construídas e se estabeleceram entre homens e mulheres. Assim, compreende-se que “... gênero se refere, mais precisamente, ao sexo social e historicamente construído”(Patrícia Silva, André Faro & Marcus Eugênio O. Lima, 2017, p. 178). É importante ressaltar que o feminismo enquanto um movimento político assegurou direitos indiscriminadamente para todas as mulheres, independente do pertencimento racial, e mulheres negras ainda estavam sujeitas às vulnerabilidades que permaneciam silenciadas.

É nesse sentido que a perspectiva da interseccionalidade desenvolvida pela autora Kimberlé Williams Crenshaw (2002) visa dar embasamento para a compreensão de como o

patriarcalismo, o racismo e outras manifestações discriminatórias criam desigualdades entre mulheres negras e outras mulheres não negras. A perspectiva da interseccionalidade postula que o cruzamento entre as múltiplas categorias sociais como o gênero, a raça ou a condição socioeconômica resultam em opressões que são dificilmente identificadas nos contextos moldados pelas forças econômicas, culturais e sociais (Kimberlé Williams Crenshaw, 2002).

Assim, o racismo e o sexismo são fenômenos distintos, mas que no caso de uma mulher negra se inter cruzam e potencializando a discriminação social (Patrícia Silva, André Faro & Marcus Eugênio O. Lima, 2017). Apesar das violências interseccionais que mulheres negras sofrem diariamente, muitas desafiam o sistema que as coloca como destinadas à subalternização. É importante que isso não seja percebido de forma romantizada para não se ter a concepção de meritocracia que valoriza as conquistas individuais, desconsiderando as desigualdades socioeconômicas, raciais e de gênero em que essas mulheres são submetidas, assim como os espaços que são invisibilizadas.

### **O epistemicídio de Narrativas Negras**

No contexto brasileiro, autoras que produzem narrativas de conhecimento na escrita nacional sofrem um apagamento em decorrência do epistemicídio. Tal fenômeno é conceituado por Boaventura Sousa Santos (2009) como um processo que ocorre há mais de cinco séculos e desvalida outras formas de conhecimento produzidas nas periferias globais, como a América Latina. Esse processo possibilita compreender a tentativa de homogeneização de produção do conhecimento pautadas em um modelo que produz teorias em países localizados no Norte mundo, sendo utilizadas para analisar o Sul do mundo.

Segundo a autora Sueli Carneiro (2005), para os negros o epistemicídio não só desqualifica o conhecimento produzido por eles, mas funciona como um processo que também

nega o acesso à educação e inferioriza a capacidade intelectual e cognitiva desses indivíduos. Segundo Sueli, “o silêncio se manifesta também, na relação aluno professor, instâncias diretivas do aparelho escolar, nas atitudes dos pais dos alunos brancos e negros; no discurso ufanista sobre as relações raciais no Brasil, presente nos livros didáticos, acoplado a uma representação humana superior” (Carneiro, 2005, p. 115).

Logo, estudantes negros vivenciam situações discriminatórias de pretensos professores do sistema educacional e tais situações são destacadas na pesquisa de Noema Teixeira(2003) ao constatar que em um ambiente universitário não é esperado um bom desempenho dos estudantes negros devido à bagagem teórica deficiente, visto que muitos veem de escolas públicas. “Para o negro que chega até a universidade sempre há dúvida sobre sua capacidade intelectual para estar ali” (Teixeira, p.154, 2003).

Assim, desde muito cedo os estudantes negros estão inseridos em um sistema educacional sem nenhuma representação positiva que possam se identificar. Por essa razão, evidenciar escritoras e pesquisadoras negras que narram suas vivências possibilita estimular a fala que cada um pode assumir por si.

### **Procedimentos Metodológicos**

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa e para alcançar o objetivo que apresentei durante o desenvolvimento, utilizo a metodologia da Narrativa Autobiográfica e o Método Autobiográfico. O período narrado compreende os anos de 2018 a 2022 na Universidade Federal do Acre que se relacionam com períodos anteriores vivenciados por mim. Visto que se tratam de procedimentos metodológicos novos para os Trabalhos de Conclusão de Curso em Psicologia, é necessário deixar explicitados os caminhos percorridos.

Desse modo, a utilização de uma abordagem qualitativa se justifica pelo fato de que se torna possível distanciar-se da neutralidade no processo de escrita e análise, pois a pesquisa qualitativa não é sequencialmente rígida em suas etapas de desenvolvimento, mas “... de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações” (Triviños, 1987, p. 131).

Segundo as autoras Freitas e Galvão (2007), através do recurso da narrativa autobiográfica é possível realizar a narração de episódios de forma contextualizada com significados, evidenciando-se experiências, emoções ou fatos marcantes que anteriormente não haviam sido percebidos. Assim, no uso dessa metodologia é necessária a participação de um pesquisador que se compromete com o processo de reflexão sobre o que é experienciado para o desenvolvimento pessoal e na construção de conhecimentos profissionais a partir de algo vivenciado na realidade da qual se narra.

As narrativas autobiográficas se constituem enquanto uma metodologia completa e podem ter ênfase em narrativas que não necessariamente possuem um caráter autobiográfico, pois este “...possui sua especificidade e trata somente das trajetórias de vida pessoais/profissionais dos sujeitos” (Héllen Santos & Gilza Garms, 2014 ). Assim, a escolha do método está pautada na importância narrativa, além de elaborar a compreensão sobre o que tem sido vivenciado e percebido.

Desse modo, a experiência vivida, é narrada e discutida aqui organizada em sobre a formação no curso de Psicologia da Ufac e também do aprendizado sobre as relações étnico raciais. Ademais, as citações neste trabalho são referenciadas com o primeiro e último sobrenome de todos os autores e autoras, pois muitas vezes mulheres são lidas como autores masculinos, causando a falsa impressão de que apenas estes últimos produzem academicamente.

A escrita dos resultados foi dividida em três partes. A primeira realizo minha apresentação; a segunda realizo a narrativa sobre minhas experiências na formação de psicologia, e na terceira realizo a narrativa sobre minha experiência na temática das relações étnico-raciais.

### **Percurso e Experiências**

Eu era, ao mesmo tempo, responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas — e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com “Y a bon banania”.(Frantz Fanon, 2008, p.105-106).

Antes de iniciar o relato da minha experiência, acredito ser primordial a minha apresentação para contextualizar a leitora. Meu nome é Liliana Piedade de Oliveira, me identifico enquanto uma mulher negra e nasci em 26 de junho de 1998 na cidade Rio Branco. Sou filha de Martiliana da Piedade Oliveira e Abel Dias de Oliveira. Tenho dois irmãos unilaterais, sendo a única filha da relação entre meu pai e minha mãe. Em 2022 sou acadêmica do 9º período de Psicologia na Universidade Federal do Acre.

Na minha infância sempre fui próxima à minha mãe e desde então ela sempre foi a principal incentivadora em minha formação educacional. Para ela, a formação não me possibilitaria apenas alcançar a ascensão social, mas também obter o conhecimento que me levaria à independência. Assim, me tornei a primeira pessoa do meu núcleo familiar a ingressar em um curso superior de uma universidade pública.

Sobre mim, nunca foi imposta uma profissão a ser seguida e minhas escolhas sempre foram incentivadas pela minha família. Acredito que esse possa ter sido um processo diferente,

pois alunos negros que ingressam na universidade fazem escolhas que recaem sobre cursos na área de humanas, cursos que menos concorridos no vestibular e menos valorizados no mercado de trabalho (Noema Teixeira, 2003). E mesmo em momentos difíceis que cogitei abandonar o curso, meu pai seria a pessoa a me motivar ou considerar outras possibilidades do que eu poderia fazer.

Assim, entre todas as possibilidades, a psicologia despertou-me o interesse ainda no ensino médio. Não sabia em qual área gostaria atuar, quais práticas poderiam ser realizadas e quantos desafios iria vivenciar durante a formação, mas o interesse logo transformou-se em um objetivo, em uma mesma época que eu tinha mais contato sobre o reconhecimento e empoderamento identitário de pessoas negras.

Apesar de não ter vivenciado um processo de reconhecimento identitário em que isso sempre foi um fato desde muito cedo para mim, nunca havia pensado no real significado que esse pertencimento tinha nas minhas vivências da infância e adolescência. “O papel da família é fundamental na produção de referências identitárias e de valores vividos e aprendidos”(Edna Cruz, 2015, p.87 )

Então, não me recordo do momento que me reconheci enquanto uma pessoa negra, mas durante a minha adolescência vivenciei um processo de compreensão e ressignificação do que esse pertencimento significava na minha constante construção identitária. Talvez nesse momento eu tenha começado a perceber haver pessoas que eu sentia muito mais afinidade. “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco”(Frantz Fanon, 2008, p. 33).

Em 2016 concluí o ensino médio e para alcançar meu objetivo de ingressar em um curso de Psicologia precisei estudar para os vestibulares e processo de ingresso na faculdade. Assim,

minha preparação se deu de maneira solitária, onde havia outras pessoas além da minha família que me apoiavam. Nem mesmo a escola poderia me auxiliar, pois assim como muitos jovens negros, eu possuía uma bagagem cultural deficiente proveniente de escolas públicas.

### **O Início: Estudo da Psicologia**

No ano de 2018 iniciei minha formação na Universidade Federal do Acre. No primeiro dia de aula do curso tive a sensação de que uma nova fase da minha vida se iniciava e de tal forma conheci pessoas e fiz amizades que me acompanharam até o momento. Foram nesses primeiros períodos que passei grande parte dos meus dias na universidade, pois foi necessário que eu mudasse de cidade para cursar a faculdade, tornando-se um período de grandes mudanças e aprendizados para meu crescimento pessoal.

Conseqüentemente conheci muitas áreas da psicologia e isso pode ter sido uma das dificuldades iniciais para mim, pois conhecia sempre algo novo de forma mais superficial, crescia também a indecisão no que gostaria de seguir. Havia um sentimento compartilhado de que deveríamos saber qual a melhor abordagem teórica, metodológica e qual campo de atuação entres outras decisões que nunca serão fixas, pois, estamos em constante crescimento e mudança.

Assim, no primeiro ano de faculdade eram constantes os questionamentos “O que é a psicologia para você?” ou “Porque você escolheu a psicologia?” Depois de algum tempo, através do próprio percurso que cada um poderia vivenciar de maneira diferente, certamente as respostas mudaram, assim como as expectativas e talvez a quebra delas. A imagem que eu tinha do profissional da psicologia quando ingressei no curso não se resumia a clínico e durante a minha formação havia muitas possibilidades que eu me identificava.

Durante os dois primeiros anos de formação, ao passo que conhecia mais sobre a temática das relações raciais, comecei a sentir falta de algo nas disciplinas, nas relações com meus

colegas e no ambiente universitário. É interessante, perceber que nessa época eu não me sentia totalmente pertencente aos espaços que integrava, e apesar de gostar do aprendia, não sentia nenhum vínculo, pois sentia tudo tão distante. E mesmo podendo aprender as relações étnico-raciais, ela parecia algo à parte na minha formação, como uma atividade extra que não teria nenhuma relação com a psicologia.

Nas primeiras experiências em estágio básico realizadas nas áreas, hospitalar, escolar e clínica, respectivamente, pude ter contato com as dificuldades vivenciadas em determinados campos de atuação e perceber mais uma vez o distanciamento entre essas atuações, entre o que poderia realizar e o que me despertava o interesse. Nessa época eu não tinha nenhum referencial na psicologia, nem mesmo profissionais, mas entendia que em algum momento da minha formação queria percorrer um caminho que não seria apresentado para mim no curso de psicologia. Apesar de algumas experiências difíceis, todo o resultado que obtive no final me fizeram perceber que isto é algo que me motivou a buscar novos conhecimentos para além do que observo nas salas de aula.

Nesse sentido, ocorreram situações em que percebi por falas ou ações uma desqualificação direcionada ao meu aprendizado. Desde os anos iniciais nas escolas eu nunca me senti próxima de minhas professoras, pois também nunca fui a aluna preferida. Apesar de ter sido durante muito tempo uma das alunas com as melhores notas das turmas que fiz parte, a mim sempre coube o papel de esforçada, mas nunca seria a melhor. Esse seria o lugar que nunca ocuparia.

Já na faculdade, em um dos lugares que fui estagiária, além do sentimento de não pertencimento, ficava evidente que eu não era bem-vinda com a proposta de trabalhar com a temática das relações étnico-raciais. Tais espaços haviam adotavam um modelo de indivíduo que

estava supostamente contemplado no modelo clínico tradicional. No entanto, em um atendimento que realizei foi importante ouvir do usuário atendido por uma psicóloga negra era importante, pois sentia que seu sofrimento era compreendido, assim como não se sentia a vontade para falar de racismo com uma psicóloga branca.

Outra situação ocorreu de forma mais direta ao ouvir de uma de minhas professoras que ela tinha o questionamento sobre minhas reais capacidades em desenvolver um trabalho acadêmico. Na época me senti culpada, pois acreditei que tal questionamento só viria em resposta a uma má conduta minha. Durante um tempo me perguntei se eu fosse uma pessoa branca, assim como ela, ouviria tal questionamento da maneira como ouvi.

Hoje, tenho a convicção de que não ouviria como também vivenciaria muitas desqualificações, se pelo menos tentasse negar meu pertencimento identitário. E mesmo em um contexto acadêmico, onde atitudes discriminatórias que ocorrem de uma forma muito “gentil” que a primeiro momento é quase imperceptível. Algumas experiências minhas só consegui identificar em etapas diferentes da minha vida.

### **Outra Perspectiva: Estudo das Relações Étnico-Raciais**

No mesmo período em que iniciei minha graduação no curso de Psicologia, pude conhecer o Observatório de Discriminação Racial (Odr), criado em 2016 a partir de uma articulação entre a Universidade Federal do Acre do Fórum Permanente de Educação Étnico-Racial do Estado do Acre -FPEER/AC. Assim, composto pelos mesmo membros do Observatório, em 2018 o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi/Ufac) foi aprovado pelo Conselho Universitário da Ufac e se tornou uma organização acadêmica vinculada aos movimentos negros e indígenas.

Esse espaço foi muito importante para o conhecimento sobre a temática das relações étnico-raciais. Da mesma forma, conheci pessoas e construí relações que me possibilitaram o fortalecimento identitário e a participação em pesquisas sobre a temática, ainda que inicialmente parecesse muito distante da minha futura profissão. Fazer parte de ações coletivas foi muito importante na época, e hoje reconheço que o meu processo de aprendizagem só foi possível, pois eu estive ativamente envolvida em atividades desenvolvidas nesses espaços.

No entanto, também foi nesse espaço que percebi falas ou tratamentos que me colocavam em posições desconfortáveis de inferioridade de conhecimentos. Assim, tive a compreensão que apenas a identificação racial não me assegurava um espaço de acolhimento, pois infelizmente é com um a romantização de relações tóxicas entre pessoas negras, em que são reproduzidos comportamentos opressores em nome de uma coletividade.

Ademais, se faz necessário mencionar que a passividade nessas relações ocorreu justamente pela falsa crença de que indivíduos negros vivenciam as consequências da discriminação de maneira semelhante, desconsiderando que nem todos estão sujeitos às mesmas vulnerabilidades e que alguns possuem mecanismos de enfrentamento que outros não possuem. Assim, o pertencimento racial não seria o que une indivíduos negros, mas o único marcador que podem ter em comum quando não são percebidas as desigualdades classe e de gênero.

Desse modo, foi apenas no início de 2020 que obtive contato com a temática das relações étnico-raciais na formação de psicologia, por meio atividades de pesquisa, extensão e ensino que puderam me auxiliar a somar conhecimentos de outras áreas das ciências humanas. Essas experiências só foram possíveis chegada de novos professores no curso de Psicologia, visto que sempre houve um distanciamento da maioria dos docentes sobre as discussões da temática.

Assim, evidencio a necessidade de enfatizar a importância de espaços de fala e ações na psicologia sobre as relações étnico-raciais que possam contribuir para formação acadêmica e pessoal. Visto que sentir-se integrante de um grupo étnico-racial de pesquisa sobre a temática contribuiu em parte positivamente para reafirmação da minha identidade, mas também para o reconhecimento de experiências discriminatórias.

De uma forma geral, as horas dedicadas para tais atividades tornavam os semestres exaustivos, pois como discente de um curso integral, a dedicação para qualquer outra atividade sempre seria em forma de horas extras ao tempo dedicado para formação curricular. Pois a temática das relações étnico-raciais ainda é preterida nas instituições de ensino, sabendo-se que na graduação de psicologia, as disciplinas obrigatórias com conteúdos voltados para a temática são quase inexistentes (CFP, 2017).

### **Considerações Finais**

Esse trabalho me possibilitou rememorar minha trajetória acadêmica e perceber como fatos significativos me conduziram a estar em um processo constante de questionamento sobre o que aprendo, vivencio e compartilho. Da mesma forma, ressignificar que as experiências e conhecimentos adquiridos só foram possíveis quando me coloquei como um ser ativo na busca do que não me foi oferecido nesse processo de aprendizagem e construção e identitária.

Realizar uma produção acadêmica e também autorreferenciada é um processo desafiador, pois estimula a autora a falar sobre si no meio de um rol de pesquisas em que se predomina a neutralidade. Ademais, assumir o protagonismo em uma escrita é um ato transgressor em espaço que reproduz o que a sociedade nos afirma constantemente: pessoas negras são desqualificadas e preteridas, associadas a estereótipos que as inferiorizam. Nesses espaços, nunca somos protagonistas, apenas coadjuvantes.

Apesar das dificuldades que vivenciei na academia, eu, enquanto uma mulher negra, sempre tive a motivação em buscar outros conhecimentos que muitas vezes não chegam aos ambientes universitários, mas que necessitam estar nesse espaço. Desse modo, o interesse desse trabalho não foi o de criar um modelo ou referência para as pessoas que possam se identificar e muito menos afirmar que não pode haver alguma identificação.

No entanto, é certo que independentemente da metodologia ou estilo, o pesquisador nunca poderá ser neutro em uma pesquisa. A expectativa foi de provocar no leitor a inquietação sobre os modelos impostos na academia, e principalmente estimular a produção de escritas de pessoas negras que possam falar sobre si, os desafios das experiências profissionais e pessoais, assim como das potencialidades que podem ser desenvolvidas.

## Referências

- Boas, F. (2010). *A mente do ser humano primitivo*. Petrópolis, Vozes.
- Carneiro, S. (2005). *A Construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].  
<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia. (2017). *Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os*. [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes\\_raciais\\_baixa.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf).
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero. *Estudos Feministas, Ano 10*, 171-188. Versão original, em inglês, Background paper of the expert meeting on gender related aspects of race discrimination (L. Schneider, trad., L. Bairros e C.L. Costa, rev.) University of California Los Angeles.
- Cruz, E. S. (2015) *“Eu era a única professora negra na escola de inglês”: histórias de vida de professoras negras de Imperatriz-MA*. Ed. UEMA.
- Da Silva, P. C. (1997). *Negros à luz dos fornos: representações do trabalho e da cor entre metalúrgicos baianos*. Dynamis Editorial.
- Da Silva, P. Faro, A. & Lima, M. E. O. (2017). Vulnerabilidades de mulheres negras em saúde: uma análise das desigualdades pelo viés da interseccionalidade. In: *Gênero, saúde violência e saúde: diálogos no campo da Psicologia*. A. Faro., E. Cerqueira-Santos & J. P. da Silva. (Orgs.). Editora UFS.

- Fanon, F. (2008). *Peles negras máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA.
- Ferrarotti, F. (1988). Sobre a autonomia do método biográfico. In: A. Nóvoa; M. Finger. (Orgs.) *O método(auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, (17-34).
- Freitas, D. d. & Galvão, C. (2007). O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. *Ciências & Cognição*, 12, 219-233.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212007000300021&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000300021&lng=pt&tlng=pt). Acesso.
- Freyre, G. (1997). *Casa-grande & senzala*. 32. ed. Record.
- Oliveira, V. M. de. & Satriano, C. R. (2018). Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas*, 23(51), 369–386.  
<https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231>
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais – A pesquisa qualitativa em educação*. Editora Atlas.
- Santos, H. T. & Garms, G. M. Z. (2014). Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: *Congresso Nacional de Formação de Professores* (pp. 4094-4106). Universidade Estadual Paulista (Unesp).
- Santos, B. S. (2009). Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: B. de S. Santos; M. P. Meneses, (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, (p.23-72).

Teixeira, M. P. (2003). *Negros na universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro*. Ed. Pallas.